



Fotografia e leituras de mundo: arte e educação

**Lucinea Aparecida de Rezende
Sandra Aparecida Pires Franco
Letícia Marquez**

Artigo recebido em 13/10/2012
Artigo aprovado em 25/06/2013

DOI 10.5433/1984-7939.2013v9n15p113

Fotografia e leituras de mundo: arte e educação

Photography and interpretations of the word: art and education

Lucinea Aparecida de Rezende*

Sandra Aparecida Pires Franco**

Leticia Marquez***

Resumo: *Neste artigo são analisadas imagens produzidas e veiculadas pelo Foto Clube de Londrina no ano de 2011. O objetivo é possibilitar reflexões acerca da leitura imagética, em particular da fotografia, no âmbito da educação. Para tanto, problematizou-se a temática na perspectiva de uma leitura possível, enquanto obra de arte, procurando evidenciar as contribuições que o leitor pode ter de leitura e releituras da fotografia, vistas na complementaridade com a leitura da palavra.*

Palavras-chave: *Fotografia. Educação. Leituras de mundo. Foto Clube de Londrina.*

Abstract: *This paper analyzes images made and broadcasted by Foto Clube de Londrina (Londrina's Photo Club) in 2011. We aim to think over the imagery reading, specially photograph, at education scope. To achieve this target, we understood photography as something possible to be interpreted and also as a work of art. This way, we show that readers can be benefited by reading and rereading photographs, when they are seen along with the words reading.*

Keywords: *Photography. Education. Interpretations of the world. Foto Clube de Londrina.*

* Pós-Doutora pela Universidade de Aveiro (Portugal). Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Docente da Universidade Estadual de Londrina (UEL), atuando em ensino, pesquisa e pós-graduação. Desenvolve o projeto internacional (Brasil / Portugal) "Idéias circulantes acerca da leitura e da escrita: significações". Colaboradora cultural da Academia de Letras, Ciências e Artes de Londrina. E-mail: lucinea@uel.br

** Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente da Universidade Estadual de Londrina, atuando em ensino, pesquisa e pós-graduação. Participa do Grupo de Pesquisa "Formação e concepções do materialismo histórico-dialético na educação". E-mail: sandrafranco26@hotmail.com

*** Artista plástica com diversas exposições individuais e coletivas. Graduada em Desenho e Plástica (1975). Especialista em Comunicação Visual e Mídias Interativas pela Universidade Norte do Paraná (Unopar). Professora do Departamento de Artes da Universidade Estadual de Londrina (UEL), entre 1976 e 1979. Membro do Conselho de Cultura de Londrina entre 1991 e 1994. Professora no Curso de Especialização em Arte Terapia (Univem de Marília) e do Curso de Pós-Graduação em Comunicação Visual e Mídias Interativas (Unopar de Londrina). E-mail: leticiamarquez@gmail.com

Com a fotografia se abre uma janela para o mundo.
(KOSSOY, 1980, p.100).

Introdução

A fotografia, após o aparecimento do desenho, da pintura e da gravura, inaugurou um novo momento de olhar e de entender a obra de arte e o mundo. Ela é, pois, um elemento da modernidade. Com o desenvolvimento da indústria surgiu o advento das câmeras fotográficas instantâneas e a popularização da reprodução técnica da figura. Como escreveu Eduardo Ewald Maya (2008), em seu texto *Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem*, a fotografia representou um salto em termos de difusão da informação e abriu novos campos nas representações visuais.

Walter Benjamin (1985), referencial teórico a nosso ver indispensável para sua compreensão, citou a fotografia como uma produção imagética sob o signo da objetividade e da reprodutividade. O homem está em constante movimento no tempo e no espaço e, conforme a projeção da luz sobre seu corpo, novos momentos são criados. A fotografia veio, então, no sentido de congelar o tempo. Ela pode, ainda, ser vista como um documento visual que transita pela arte e pela ciência e contribui para o registro do nosso cotidiano, parecendo que contempla, como uma das possibilidades, a guarda da realidade.

A princípio, os pintores se sentiram ameaçados pela crescente popularidade do mercado do retrato fotográfico. Maya (2008, p.115) menciona que a fotografia “passou a ter uma nova função social quando transformou em imagem o que a sociedade vivia”. Fotografar tornou-se obrigatório em todos os momentos importantes da vida e essa afirmação é válida para os dias atuais, cada vez mais fortemente.

Enviar retratos de família, de amigos ou de celebridades, registrar casamentos, comemorações, viagens, em retratos que eram produzidos, reproduzidos e vendidos em massa, proporcionou o surgimento do álbum de fotografias, o livro do tempo que guarda as histórias em imagens. (MAYA, 2008, p.115).

Para alcançar diferentes imagens chegou-se à criação de cenários fictícios nos *ateliers* fotográficos. François Arago aliava na fotografia a arte e a ciência. Jules Jamin, em 1839, reconheceu que a fotografia estava destinada a popularizar as obras de arte. Ambos viam a fotografia com a função de popularização da arte. Susan Sontag (1981), em seus escritos, menciona que com a fotografia o homem passou a olhar com outros olhos a realidade. Muitos autores a consideraram um invento mecânico, que reproduzia friamente, sem intervenção artística e subjetiva. No entanto, tratava-se de um novo tempo. Nesse universo, Delacroix, Ingres, Colbert, Manet e Degas começaram a perceber as vantagens das ações congeladas para realizar estudos de poses difíceis de serem mantidas.

A fotografia é capaz de retratar a imagem com sua magia, seus mistérios. Ela implica a concepção de uma nova estética. No princípio, registrava somente o rosto da figura humana; depois, o pintor tinha a fotografia do corpo humano como forma de auxílio para a sua expressão artística. A imagem como possibilidade de ser alcançada pelo uso da técnica e do aparelho fotográfico, estando à disposição de muitos o mundo imediato, o acaso, o instantâneo, passou a ser reproduzida por e para muitas pessoas. Passou a fazer parte da cultura de massa.

A fotografia trazia em si vários aspectos democratizantes. Primeiro, um número muito maior de pessoas podia empreender uma aventura, antes restrita a uma elite: a transformação de suas emoções, seus pensamentos, seu modo de ver numa imagem passível de ser difundida, analisada e criticada. [...] Em segundo lugar, a fotografia tornou possível a qualquer pessoa a posse de imagens, e de início assumiu importância decisiva a posse da sua própria imagem – seu retrato. (KUBRUSLY, 1991, p.10-11).

Boris Kossoy (1980) ajuda-nos a lembrar de que a fotografia trouxe a possibilidade de produção de informação e conhecimento, servindo como elemento de apoio e de expressão artística. Para isso, ela se reveste de algumas características, como Dondis (1991, p.51) evidencia:

Sempre que alguma coisa é projetada e feita, esboçada e pintada, desenhada, rabiscada, construída, esculpida ou gesticulada, a substância visual da obra é composta a partir de uma lista básica de elementos. Não se devem confundir os elementos visuais com os materiais ou o meio de expressão, a madeira ou a argila, a tinta ou o filme. Os elementos visuais constituem a substância básica daquilo que vemos, e seu número é reduzido: o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala e o movimento.

A partir dessas ponderações, considerando-se a forte presença das fotografias em nosso cotidiano, optou-se por analisá-las tendo como recorte concursos internos no Foto Clube de Londrina¹ no ano de 2011, com o intuito de argumentar que essas “escritas com luz”, como diz o nome “fotografia”, podem contribuir na área da educação, como exercício do olhar, ver, ler, sentir, aprender, ser mais % ampliar nossa visão de mundo.

O recorte feito, abrangendo o período de concursos de 2011², deve-se ao fato de ser um dos anos mais recente dos concursos internos – categoria iniciantes (CI) e categoria veteranos (CV) – do Foto Clube de

¹ O Foto Clube de Londrina foi fundado em maio de 1951, com o objetivo de agregar os amantes da fotografia e propiciar estudos e divulgações na área. Realiza concursos entre seus associados e promove exposições relacionadas à fotografia. Mais informações no *site*: <http://www.fotoclubelondrina.art.br/>

² O Concurso Interno de 2011 foi realizado em cinco etapas: na primeira etapa, o tema foi *Livre* e a fotografia deveria ser apresentada em cores; na segunda etapa, o tema foi *Noturno*; na terceira, *Cena Urbana*; na quarta, *ContraLuz*. As fotografias poderiam ser apresentadas em preto e branco e/ou em cores. Na quinta etapa o tema voltou a ser *Livre*, porém as fotografias deveriam ser apresentadas somente em preto e branco. Para a seleção das vencedoras os critérios foram: visão ou concepção, interpretação e tratamento, composição, técnica e coesão do trabalho em torno do tema. O critério utilizado, neste texto, para uma possível intervenção na educação foi a estética das fotografias veiculadas no *site*, que permitem leituras significativas e possibilitam aos alunos a leitura imagética, com vistas à compreensão dos elementos formais utilizados na fotografia e, por extensão, do mundo.

Londrina, a que tivemos acesso ao maior número de fotografias premiadas (em número de sete) com as respectivas autorizações para publicação. As premiadas na primeira etapa foram: Crianças na quadra (CI), de Reinaldo dos Santos, e Juvenlescência (CV), de Norman Neumaier. Na segunda etapa, Magestosidade, de Denise Keiko Ono (CI). Não consta a fotografia premiada na Categoria Veteranos. Na terceira etapa, Raio (CI), de Thiago Augusto Domingos, e Lagoa na Mata Atlântica (CV), de Norman Neumaier. Na quarta etapa, Homem dormindo (CI), de Ayan K. Mukhopadhyay, e Luz matutina (CV), de Rui Porto. Destaca-se que no *site* há o resultado da quinta etapa, mas as fotografias não estão disponibilizadas, constando somente Gotas (CI), de Luiz Antonio Felix, e Borracheiro (CV), de Maria Cristina Penha.

Frente a essas obras, o objetivo delineado é evidenciar uma leitura possível, com elementos objetivos/formais como ponto, linha, forma, direção, tom, cor, textura, dimensão, movimento e outros elementos, subjetivos, ou seja, o que nossa leitura de mundo nos permite ler na imagem, associando conhecimentos já adquiridos % ideias, sentimentos, expressões diversas % com a imagem, tanto do ponto de vista do todo, como das partes. Dessa forma, apresentar um possível caminho a ser explorado por aqueles, dentre outros, que, na função de professores, desejam ampliar o campo de leituras a explorar, talvez no estabelecimento de um diálogo da leitura da imagem (texto imagético) com a palavra (texto verbal).

Entrelace com a educação

Os processos de criação por meio da linguagem plástica são muito importantes na formação educacional, visto que podem levar ao exercício e ampliação do universo simbólico do indivíduo; possibilitar infinitas compreensões de mundo; fornecer ferramentas que capacitam os seres humanos a ler e interpretar coisas, o mundo interno e o virtual; auxiliar a viver socialmente e lidar com os incômodos que isso pode representar;

fortalecer a autoestima, o reconhecimento de cada um como um ser único, especial, sem igual, com infinitas capacidades; contribuir para abrandar/eliminar a competitividade e desenvolver a admiração e o respeito das pessoas para consigo e com os outros; estimular o trabalho em grupo, em que o indivíduo, ao reconhecer suas habilidades e dificuldades, busca parceiros para atingir seus objetivos; capacitar para enfrentar o medo diante do desconhecido e dos percalços da vida, saindo da paralisação para a ação.

Alcançar objetos de leituras como a imagem está no espaço social. As imagens fazem parte da história cultural e econômica e são encontradas em nossas memórias, elas podem ser visualizadas em *sites* na internet, manuseadas e digitalizadas, estando disponíveis a todos os leitores virtuais. (TOZZI, 2012). A sensação de saber tudo, saber nada é refeita, possibilitando novos olhares para o mesmo autor. Valoriza-se o outro e a si mesmo, o indivíduo se vê capaz de compreender o pensamento do outro, sensibilizando-se, repensando a si e ao mundo. A arte é relação com a vida, não é decoração; implica uma leitura de mundo que ajuda a ampliar o olhar do sujeito que a lê e quando essa leitura acontece, o leitor percebe que o seu olhar é significativo como qualquer outro. Nesse sentido, Herbert Edward Read (1958) afirma que o objetivo geral da educação é levar ao desenvolvimento do indivíduo, propiciando harmonia com o grupo social a que pertence. Assim, segundo o autor, “a arte está profundamente envolvida no processo real de percepção, pensamento e ação (sic) corporal” (READ, 1958, p.27) e, portanto, ela é relevante para o desenvolvimento educacional.

Maria Emília Sardelich (2006) afirma que a leitura de imagens e a compreensão crítica da cultura visual são dois aspectos que devem estar presentes nos cursos de formação de professores. A autora destaca que a busca por imagens não é só preocupação dos artistas plásticos ou de quem trabalha com arte visual. Historiadores, antropólogos, sociólogos e educadores também estão preocupados com as leituras de mundo.

Tratando-se de educação, de processos de ensino e aprendizagem, cabe ao professor, no trato com múltiplas linguagens, escolher imagens e

exercitar leituras com os alunos. Escolher imagens mais próximas da realidade do estudante possibilita espaços de discussão coletiva, otimizando estudos e análises da produção e do consumo cultural. (TOZZI, 2012). Para Dellisa e Laplane (2012), as práticas de leitura como as listas, jornais, revistas, livros, placas, cartazes, folhetos, manuais, rótulos de embalagens e outras adquirem sentido quando se pensa em representar o seu significado por meio de símbolos, podendo, assim, se comunicar. O trabalho do docente com a fotografia vincula-se a essas práticas e pode possibilitar ricas leituras.

Lembramos que, para Vigotski (2009), as linguagens artísticas, como as fotografias que serão aqui analisadas, são algumas das fundamentais maneiras do ser humano atribuir significado ao mundo e a si mesmo. O contato com essas produções pode ser um instrumento de desenvolvimento e educação, pois culturas diferentes são mostradas, outras realidades são vistas. Por outro lado, para Schroeder (2012), somente mostrar a arte não garante aproveitamento educativo. As linguagens e a arte exigem características específicas que possibilitam a leitura. Estas características, como já apontado anteriormente neste texto, são de ordem objetiva e de ordem subjetiva.

No contexto delineado, a preocupação com a temática, bem como com o surgimento da expressão leitura de imagens, iniciaram no final da década de 70, com o avanço tecnológico e o destaque do visual. (SARDELICH, 2006). Para esta autora: “Ler uma imagem historicamente é mais do que apreciar o seu esqueleto aparente, pois ela é construção histórica em determinado momento e lugar, e quase sempre foi pensada e planejada.” (SARDELICH, 2006, p.209). Desde a década de 70, a leitura de imagens como prática educativa vem se firmando. (SAMAIN, 1998).

Há que se destacar a ideia de que tratar de obras de arte implica a questão estética e, nesse sentido, a reflexão acerca da leitura de imagens foi pautada nas investigações de Ott (1984), Housen (1992) e Parsons (1992). Tendo como referência as ideias dos autores mencionados, quer-se, assim, sugerir que é possível a leitura de imagens junto aos estudantes, partindo-se de uma temática definida, que auxilie na produção de sentidos.

Dessa forma, trabalhar o entrelaçamento do significado das percepções do mundo da fotografia com a educação, tendo presentes a estética e a técnica, é um encaminhamento possível em processos de ensino e aprendizagem que visem contemplar múltiplas leituras e, paralelamente, explorar recursos que fazem parte do cotidiano em nossas vidas. Na linguagem fotográfica utilizam-se a luz, a sombra, a linha, o plano, a variação cromática, a textura, o ritmo na composição dos elementos no espaço, o que corresponde na linguagem escrita à composição de símbolos gráficos, a palavras, frases, repetição. Ainda mais: ensinar a ler imagens significa ampliar e aprofundar o desenvolvimento das sensações e da percepção humana.

As linguagens das formas simbólicas fazem parte de processos interativos de comunicação e expressão, criados pelo ser humano. São elas que possibilitam apresentar, exteriorizar as impressões de mundo, contidas dentro de si, a partir de experiências na vida, interagindo-se com o semelhante, com o mundo. Tanto a necessidade de utilizar imagens para exprimir algo, como a necessidade de compreender-se, compreender o mundo e ao outro, parte de um grande incômodo, decifrar o invisível que percebemos o tempo todo, em tudo; o inaudível que sentimos; o imperceptível que ouvimos; o vazio que vemos cheio; a pausa que nos parece retumbante; explicar o inexplicável. Somente por meio de símbolos conseguimos nos expressar, trazer à tona a magia que nos alimenta o espírito, o nosso eu mais profundo.

Dentro do processo educacional e na comunicação, utilizamos, não raro, as linguagens de forma restritiva ao pensar, com mão única, privilegiando algumas delas, esquecendo-nos de outras e também de que o convívio advindo da presença de várias pode ser mais rico, mais expressivo, mais contribuinte na formação de leitores, na formação de seres humanos.

No contexto ora delineado e de acordo com o recorte de estudo, compreendendo a leitura como um ato que se faz em um contexto social, por meio dela há a possibilidade do leitor ampliar o seu conceito de real, sua visão de mundo. Cumpre destacar que a formação de leitores é tarefa

número um da escola, pois nesse local é possível, por meio do fazer pedagógico, apresentar/trabalhar múltiplas leituras propiciando ao estudante ampliar sua visão de mundo. (REZENDE, 2009). Assim sendo, a leitura de obras de arte (produções humanas) possibilita a leitura de outras produções, que compõem o cotidiano das nossas vidas, e essa leitura é uma ação educativa. Formar o ser humano nessa direção é possibilitar a ele a ênfase na capacidade de perceber, analisar, sintetizar e generalizar informações que o mundo oferece e, sobre esses conhecimentos, elaborar novas formas de compreender a realidade que nos cerca.

Neste sentido, a leitura de imagens permite ultrapassar barreiras do reconhecimento de diferentes formas de interpretação, requerendo o conhecimento de condições de produção e difusão, símbolos, contexto cultural, passando do icônico ao simbólico, da denotação à conotação. (JOLY, 2002). Trata-se de compreender que na imagem não está o concreto, mas sim o associado, o estético.

Umberto Eco (1962), em seu livro *Obra Aberta*, apresenta um estudo com interpretação de diferentes tipos de obras e menciona: “Entre a inacessível intenção do autor e a discutível intenção do leitor, há a intenção transparente do texto, que recusa uma interpretação inaceitável.” (ECO *apud* JOLY, 2002, p.10). Avançando em relação a essa ideia, Barthes (*apud* JOLY, 2002, p.243) nos ajuda a pensar que a análise preenche determinadas funções como “a satisfação do gosto; a função didática; a função crítica (avaliação); e a função cognitiva”, ocasionando a síntese. Assim, no âmbito educacional, analisar possibilita enriquecer a interpretação das imagens, confrontando as conclusões com o conteúdo e com a própria organização da obra, enriquecendo o estudante não só com os elementos colhidos na própria obra, mas com o contexto de aparição. (JOLY, 2002). Nessa direção, cabe realizar a leitura da obra de arte, contextualizar, evidenciar fatos históricos de relevância, compreender de várias maneiras, observar a composição da obra, perceber os pressupostos, averiguar as técnicas e analisar o todo. Trata-se de um “modo de ver, de dizer, de sentir, de escrever, de escutar, de habitar o mundo”. (INGOLD, 2007 *apud* DIAS; RODRIGUES, 2012, p.59).

Tendo em vista que neste estudo o critério utilizado para a leitura das fotografias foi a composição estética e, somando-se a isso, os critérios para a avaliação das fotografias no Concurso Interno do Foto Clube de Londrina foram: visão ou concepção, interpretação e tratamento, composição, técnica e coesão do trabalho em torno do tema. Estes elementos, claro, foram considerados para julgamento sob a ótica dos julgadores dos concursos. É este conjunto que intentamos evidenciar no entrelace do estudo da imagem no contexto da educação. Este entrelace, ora proposto, baseia-se no âmbito formal, incluindo aspectos objetivos e subjetivos. Pode ocorrer em disciplinas como língua portuguesa, artes, ciências, história, geografia e filosofia, dentre outras, na complementaridade com a leitura da palavra. Diferentes níveis de ensino, desde a educação básica ao ensino superior, podem explorar esse recurso. Afinal, como consta em uma das epígrafes assinadas por Salas-Nicanor (1731)³, na obra *Lendo imagens*, de Alberto Manguel (2001), “toda imagem é uma história de amor e ódio quando lida do ângulo correto” e, completando com a ajuda de Estrela (2003), são “estórias com pedagogia dentro”... basta trazê-las à tona!

Das imagens fotográficas de concursos a leituras possíveis

No Foto Clube de Londrina existem os concursos internos com o objetivo de, extrapolando fronteiras daqueles que dele fazem parte, compartilhar imagens. Esses concursos são realizados anualmente e divididos em cinco etapas, compreendendo as categorias Iniciantes e Veteranos⁴. Os associados delimitam o tema no início de cada ano. Para o julgamento, são convidadas quatro pessoas externas, incluindo

³ Leopoldo Salas-Nicanor. *Espejo de las artes*. 1731.

⁴ Neste texto, utilizamos somente as imagens veiculadas no *site*: <http://www.fotoclubelondrina.art.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5&Itemid=23>. Acesso em: 06 out. 2012.

fotógrafos e outros artistas. Os critérios do julgamento do concurso interno são: *visão ou concepção do tema*, expressando originalidade na criação. Quanto à interpretação e tratamento do assunto é observado se são ou não *adequados ao tema proposto*, se despertam interesse social e artístico amplo ou restrito em relação à temática proposta. Quanto à *composição*, deve haver arranjo harmonioso dos elementos que formam e integram o quadro: linhas, volumes, tons, luzes e sombras; ângulo de tomada, perspectiva, utilização do campo focal; corte e enquadramento; equilíbrio, harmonia das cores. Quanto à *técnica*, os critérios são qualidade da cópia ou ampliação; definição da imagem conforme a proposta apresentada, textura, aproveitamento e rendimento das cores, acabamento e apresentação.

Para a leitura das fotografias que fazem parte deste estudo, apoiamos-nos no pensador educacional inglês Herbert Edward Read (1893-1968), que, em sua obra *A educação pela arte* (1958), evidencia a importância de tornar visível o papel das artes na educação e aponta caminhos que levem à sua aplicação em relação às necessidades atuais. Assim, para o autor, é fundamental a inserção da educação estética em todo o processo de desenvolvimento do pensamento do indivíduo, indo além do conceito da educação artística (visual ou plástica).

Para Read (1958, p.13), “a arte deve ser a base da educação”. Ainda, segundo Read (1958, p.22), o processo estético deve ser apresentado aos leitores de imagens e tem por objetivos:

- (I) a preservação da intensidade natural de todas as formas de percepção e sensação;
- (II) a coordenação das várias formas de percepção e sensação umas com as outras e em relação com o ambiente;
- (III) a expressão de sentimento de uma maneira comunicável;
- (IV) a expressão de uma maneira comunicável de formas de experiência mental que, de outro modo, ficariam parcial ou totalmente inconscientes;
- (V) a expressão do pensamento de maneira correcta.

De acordo com o autor, o ponto de partida para a educação estética é a sensibilidade e nela a percepção, elemento fundamental, se faz presente. Ele apresenta o conceito de forma como “configuração”, significando que o indivíduo cria uma representação particular. Assim, no que diz respeito à arte, deve ser analisada primeiramente a forma, o que, necessariamente, está ligado à análise da cor, porque a cor produz um efeito direto sobre nossos sentidos. Quando se analisa a fotografia na experiência estética, “entramos intuitivamente na natureza da cor, apreciamos a sua profundidade, calor ou tonalidade – ou seja, as suas qualidades objectivas – e depois passamos a identificar estas qualidades com as nossas emoções”. (READ, 1958, p.37). Será, portanto, nessa direção que analisaremos as imagens das fotografias, a seguir.

Read (1958) registra que esses dois elementos – forma e cor – são importantes nas obras de arte e que há outras propriedades secundárias como o equilíbrio, simetria e ritmo. Essas propriedades também serão vistas na análise das fotografias, iniciando assim a análise da composição:

A composição é a soma total de todas estas propriedades secundárias, incluindo a cor, e o objetivo da composição é organizar todos os elementos físicos que transformam uma obra de arte num desenho coerente, que agrada aos sentidos. Se a obra de arte envolve uma ilusão de *espaço*, então todas estas propriedades devem contribuir para essa ilusão. (READ, 1958, p.38).

Assim considerado, as imagens presentes nos concursos internos de 2011 expressam várias representações possíveis da realidade dos fotógrafos que compõem o Foto Clube de Londrina. A propósito, lembramos que Italo Calvino (1972), em seu livro *As cidades invisíveis*, destaca o aspecto subjetivo presente nas imagens. Tratam-se de diferentes sensações humanas; são representações interpretadas. As lentes do fotógrafo revelam múltiplos olhares, como podemos observar nas imagens a seguir (Figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7).

Figura 1 - Crianças na quadra (Categoria Iniciantes)



*Fotografia: Reinaldo dos Santos
Fonte: Foto Clube de Londrina (2011)*

Na primeira etapa da categoria iniciantes, Reinaldo dos Santos foi o premiado com a fotografia intitulada “Crianças na quadra”. Essa imagem é retangular, horizontal, com o ponto central do círculo deslocando-se para a direita, com uma composição que determina nosso olhar. Observamos o fundo, composto por quadrados que se repetem, em uma textura azulada (pictórica), em que o volume acontece pelas camadas de tinta sobrepostas, que reaparecem sutilmente, permitindo ver a passagem do tempo nos pontos descascados em que vemos as cores das camadas anteriores, o que já se foi e o que ainda está lá, sob a última camada pintada. A falta de limites nos contornos externos da imagem leva o olhar, mesmo fora do suporte, para o infinito.

A linha amarela, cor quente, é um elemento pictórico contínuo, vibra mais que o fundo azul, cor fria, prendendo o olhar e fazendo-o caminhar; corta o retângulo ao meio, horizontalmente, de lado a lado. Guia o olhar do espectador, fazendo-o entrar na imagem, da esquerda para a direita, representando, simbolicamente, o passado, na esquerda; o presente, no centro; e o futuro, na direita, local em que forma um círculo (forma infinita) com um ponto central que se destaca, tendo o

dobro da espessura da linha, porém da mesma cor e textura desta. Sobre esse círculo temos cinco elementos equidistantes (figuras vistas de cima para baixo), sendo duas na parte de cima, a terceira ainda sobre o círculo, porém na linha horizontal à direita e as outras duas, na sequência também equidistantes, na parte inferior do círculo. Essa distribuição dos elementos no círculo, juntamente com o ponto central, levam o olhar a caminhar no sentido horário em contínuo e repetitivo movimento circular, algo que graficamente não existe, porém é um ritmo que repetimos com o olhar sem qualquer raciocínio *a priori*, ou durante o processo.

Pode-se perceber, tomando como exemplo a figura 1, que a linha a dividir a figura ao meio e o círculo, deslocado do centro, remetem a uma linguagem fotográfica de recorte do mundo. Trata-se de como, nesse recorte, o fotógrafo enxerga o mundo real. Quem observa a fotografia, observa e lê como Reinaldo dos Santos traduziu o real. Qual a importância para o leitor? Tanto a leitura do fotógrafo quanto a leitura do observador se transfiguram. Entra a experiência de como se lê (fotógrafo e/ou o outro) o que é visto, segundo histórias de vida, vivências, enfim.

As linhas, sombras, luz, círculos, texturas, cores, volume e ritmo são elementos compostos por figuras humanas. O fotógrafo transforma o real em forma plástica. Há uma composição no retângulo, que leva da esquerda para a direita. Há uma tendência do olhar permanecer no sentido horário. O fotógrafo escolheu/definiu o ângulo, conduziu nosso olhar. A cor determina a emoção e a textura, sua intensidade.

Esse recorte de mundo, criado intencionalmente pelo fotógrafo/artista, possibilita infinitas leituras, pois se tratando de elementos simbólicos, há ressonância nos universos imagéticos de cada indivíduo, uma experiência correspondente única, particular, com emoção, como a provocada por essa imagem analisada.

Ainda na primeira etapa do concurso, Norman Neumaier foi premiado com a fotografia intitulada “Juvenilescência” (Figura 2), a seguir:

Figura 2 - Juvenilesência (Categoria Veteranos)



Fotografia: Norman Neumaier
Fonte: Foto Clube de Londrina (2011)

Trata-se de uma fotografia retangular horizontal, que apresenta um ambiente do mundo real. O fundo marrom escuro é dividido em dois planos pela luz – vinda de duas direções – nos tons amarelo e azul. No plano esquerdo, temos a metade do corpo de uma figura humana, vertical, envolta por um manto e banhada por luz amarela (cor quente) vinda à diagonal, da direita. Cria um ambiente enigmático pelo contraste com o fundo imediato a ela, marrom, profundo, denso, sem nenhum detalhe e sem projeção de sombra. No plano direito, há linhas em perspectiva, que convergem para o horizonte, um corredor, em grande fuga, em que o nosso olhar caminha para o fundo da imagem. Do meio para trás, a luz, que vem do fundo, ao iluminar a cena, traz um clima de mistério à composição: à esquerda, sem projeção de sombra na parede de fundo e à direita, vinda do fundo, projetada sobre o piso teto e paredes, em formas simétricas e geométricas. Não se sabe o que está atrás da luz; cria-se um mistério.

Do meio da imagem para a esquerda está sugerido que é o tempo passado; do meio para a direita, o futuro. O olhar é direcionado pelas linhas, que levam para o fundo. O olhar do espectador é direcionado

intencionalmente para o lado direito e para o fundo. A imagem direciona nosso olhar para a luz que está no fundo. O segundo destaque, do meio para a direita, é um ponto de fuga.

Trata-se de uma figura dramática, porque tem duas iluminações. A luz só ilumina o elemento humano, em um primeiro momento. No segundo momento, a luz leva para o reflexo no ambiente, provocando sensações no espectador. A interpretação vai depender do conhecimento de mundo de cada um. Olhar para a fotografia é buscar explicação dentro daquele que a lê. É um momento de conflito, de transformação. A iluminação mostra *flashes*, mas não mostra tudo. Revela um ser humano inseguro, talvez questionando a si mesmo. Com escuro e claro, paredes escuras, a figura não sorri, não vê nada. Ela está fechada e busca explicações, talvez. A luz tem um papel importantíssimo nessa fotografia, provocando em quem a vê/lê duas emoções e sensações distintas, em um mesmo espaço, criando um clima mágico, impossível de ser alcançado pela razão. O olhar do espectador entra na imagem pela esquerda (no passado), primeiro pelo rosto da figura e desce pelo seu corpo, segue para a direita superior, deixando à mostra somente o rosto com expressão indefinida e enigmática e à direita, um futuro com formas geométricas, rígidas, em cores frias.

Na segunda etapa do concurso, cujo tema foi *Noturno*, a fotografia premiada na categoria iniciantes foi “Magestosidade” (Figura 3), de Denise Keiko Ono.

Nessa imagem tem-se a presença marcante de uma linha de horizonte e o que está na parte superior da imagem reflete na inferior. A iluminação vem do fundo para a frente. A linha horizontal dá a sensação de repouso, só que preta, sem detalhes; ela é repouso, mas ao mesmo tempo é incômodo, pois separa o inferior e o superior com uma linha preta, que não deixa passar a luz. Há um elemento central, com linhas sutis, três elementos, criando uma noção de equilíbrio. Na iluminação há uma leve linha diagonal, que faz o leitor encaminhar o olhar de maneira a entrar pela esquerda e sair para a direita, dando a ideia de equilíbrio.

Figura 3 - Magestividade (Categoria Iniciantes)



*Fotografia: Denise Keiko Ono
Fonte: Foto Clube de Londrina (2011)*

Trata-se de uma fotografia em que a luz vem do fundo, azulada à esquerda da imagem (passado) e amarelada à direita (futuro) e da mesma forma na parte inferior. A divisão da cor da luz forma com o reflexo um ângulo para a esquerda (no fundo), o que provoca um sutil encaminhar do olhar para três elementos verticais (um no passado, um no presente, um no futuro) – um central e dois laterais. O elemento horizontal, uma larga faixa negra com textura nas bordas, coincide com a linha do horizonte e nos remete à mata (natureza morta).

O enigma se instala no reflexo, pois céu e terra mostram a mesma imagem. Seus contornos são escuros, o que conduz o olhar para dentro da imagem sem escapar de lá, provocando introspecção. A estabilidade da composição, em contraponto com a luz que sobre ela incide, cria três

momentos na vertical, onde lemos real, escuridão e real invertido, tudo parecendo mágico (a presença da ausência).

Como já alertado anteriormente, não consta no *site* do Foto Clube de Londrina a fotografia vencedora da Categoria Veteranos (CV) da segunda etapa, motivo pelo qual não procedemos a sua análise. A fotografia da figura 4 – “Raio” –, de Thiago Augusto Domingos, foi a vencedora na categoria iniciantes, na terceira etapa. Um retângulo vertical dividido em quatro tempos, faixas de variada iluminação, que vazam nas laterais da imagem, pois não têm limites, com textura e cor que vão do marrom escuro ao amarelo ouro, não em degradê, mas sim em sequência inesperada de claro e escuro, que se alternam, o que força o olhar a entrar no alto da imagem e descer até a base (sensação de queda sem controle).

Figura 4 - Raio (Categoria Iniciantes)



*Fotografia: Thiago Augusto Domingos
Fonte: Foto Clube de Londrina (2011)*

Essa descida é reforçada pela linha branca (gráfica, como um rasgo), que surge no alto da imagem desde o contorno, com continuidade para a esquerda na cor branca (raio), some atrás da textura turbulenta e reaparece no final inferior, à direita da imagem

Norman Neumaier foi novamente o vencedor da Categoria Veteranos da terceira etapa. Desta feita, foi premiado com a fotografia “Lagoa na Mata Atlântica” (Figura 5), apresentada a seguir:

Figura 5 - Lagoa na Mata Atlântica (Categoria Veteranos)



*Fotografia: Norman Neumaier
Fonte: Foto Clube de Londrina (2011)*

A fotografia ora analisada (Figura 5) é um retângulo vertical, dividido com linha de horizonte levemente acima do centro da imagem. A luz vem do fundo, amarelando o ambiente e jogando para frente, no primeiro plano, as laterais esquerda e direita da imagem em verde escuro, criando um

grande contraste. Do centro para baixo temos a projeção da imagem invertida (reflexo), que forma, à direita, um triângulo voltado para o centro da cena. Isso força o olhar a caminhar para o centro da imagem. Em seguida, ele desce à parte inferior da imagem, que termina em formas geométricas retangulares em azul celeste vibrante (um azul que não vemos de onde vem, pois não aparece na parte superior, que deu origem ao reflexo) e pequenas formas geométricas brancas chapadas (luz total). Essa mistura de texturas e formas geométricas e orgânicas no mesmo ambiente provoca um grande incômodo % o invisível aparece.

Na quarta etapa, destaca-se entre os iniciantes a fotografia intitulada “Homem dormindo”, de Ayan K. Mukhopadhyay:

Figura 6 - Homem dormindo (Categoria Iniciantes)



*Fotografia: Ayan K. Mukhopadhyay
Fonte: Foto Clube de Londrina (2011)*

A imagem é retangular, horizontal, em branco e preto. A composição se dá com várias verticais em forma de colunas que se alternam, indo do branco ao preto, provocando um ritmo que faz o olhar entrar na imagem pela esquerda (passado) e caminhar para a direita (futuro) sobre a linha de horizonte, que divide a imagem abaixo do centro. Esta linha horizontal é formada por objetos tridimensionais, cubos e paralelepípedos em

sequência, com faces brancas e pretas. Termina à direita com uma cabeça e um tronco humano (única figura orgânica da cena), um ser humano deitado sobre o chão. Esse chão, que é a base horizontal da imagem, tem uma textura lisa e brilhante, denotando frieza, com reflexo de toda a parte superior (a parte superior mostra um real de muito peso). Entre as verticais, temos espaços por onde vemos o fundo da cena: planos volumétricos, horizontais, sobrepostos e com profundidade, numa ordem racional.

Toda essa estrutura formal geométrica de grande peso, reforçada pela iluminação de alto contraste, choca-nos por ocupar praticamente toda a cena, ficando aparente apenas parte do homem, deitado, paralisado, sem ação, saindo do retângulo na direita inferior da fotografia, local da fotografia, a sensação de algo com menor importância.

O ritmo que o autor nos faz acompanhar com o olhar parte da esquerda, para a direita, horizontal, vir até a cabeça, à direita, e ir para o fundo, entre as colunas. O local inusitado, assim como a posição e a ligação desse homem na cena, provoca-nos um grande incômodo. Vemos as coisas que criamos, dominando o espaço, o mundo, e enxerga-se na imagem um futuro do qual temos medo.

Na outra fotografia da mesma etapa, entre os veteranos, Rui Porto foi o premiado com a fotografia “Luz matutina” (Figura 7), apresentada a seguir.

Essa fotografia é retangular, horizontal, em preto e branco. Uma cena com construções arquitetônicas (cidade) foi captada em perspectiva diagonal, do canto superior esquerdo, convergindo para o canto inferior direito. Na composição percebe-se uma linha diagonal imaginária, que divide o retângulo em dois planos: o plano da esquerda acinzentado, sem contornos, nublado; e o da direita, com foco e alto contraste, criando formas geométricas com as fachadas em perspectiva.

Percebe-se outra diagonal sobre a cena, o caminho feito pela luz, que vem do canto inferior esquerdo para a lateral direita da imagem. Observado o canto direito inferior, sente-se o futuro em queda e racional (frio e desumanizado), porém ele é empurrado para cima pela luz que vem em diagonal do canto esquerdo inferior para o canto direito superior.

Lê-se a diagonal como símbolo de movimento, subida ou queda, dependendo da direção. Nesse sentido, na fotografia temos duas diagonais, provocando sensações opostas e surpreendendo-nos.

Figura 7 - Luz matutina (Categoria Veteranos)



Fotografia: Rui Porto

Fonte: Foto Clube de Londrina (2011)

Considerações finais

O século em que vivemos, múltiplo, com diversificadas linguagens, requer nossa compreensão do imbricamento das coisas, indo além das dualidades ciência e arte, sagrado e profano, material e espiritual, e outras dualidades. Faltam-nos, portanto, ferramentas para conseguirmos transitar nesse espaço material, físico, geográfico, histórico, político, social e ao mesmo tempo mágico, que é o universo, em constante modificação. Dessa maneira, ampliar e aprofundar nossa leitura da imagem fotográfica implica maneiras diferentes de compreender e expressar tempo e espaço, expressando valores universais e atemporais e como “obra aberta” pode contribuir para que nos coloquemos mais efetivamente neste nosso século, qualquer que seja o espaço que ocupemos.

No que tange ao entrelace leitura de imagens e educação, a proposição feita volta-se à consideração da educação estética no processo de desenvolvimento do pensamento do indivíduo, apresentando-se aos estudantes imagens que contribuam para o desenvolvimento da percepção e sensibilização, do senso estético, das experiências de vida e das possibilidades de expressão. Ensinar, tendo presente a estética e, com ela, a compreensão de múltiplos olhares e ações, de formas diferenciadas, de visões de tempos e espaços capturados e expressos por fotógrafos, que evidenciam suas técnicas no manejo da luz e no congelamento de imagens, manifestando, assim, seus olhares no mundo.

Dessa forma, podemos aproximar o interesse dos estudantes pela fotografia, manifesta nos inúmeros cliques feitos por eles por meio de câmaras fotográficas e aparelhos celulares, às fotografias que são feitas por aqueles que cultuam a estética e as formas que ela contempla, vistas e registradas com luz, ao trabalho desenvolvido na área da educação.

Referências

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.165-196.

CALVINO. Italo. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: Biblioteca Folha, 1972.

DELLISA, Paula Roberta Rocha; LAPLANE, Adriana Lia Friszman. Práticas de leitura na família e na escola. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v.30, n.58, p.60-55, jun. 2012.

DIAS, Susana Oliveira; RODRIGUES, Carolina Cantarino. Transes: E se artes e ciências? E se... e...? **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v.30, n.59, p.57-61, nov.2012.

DONDIS, Donis A. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ESTRELA, Albano. **Estórias com pedagogia dentro**. Porto: Porto, 2003.

FOTO CLUBE DE LONDRINA. **Concurso Interno FCL-2011**. Disponível em: <http://www.fotoclubelondrina.art.br/index.php?option=com_content&view=article&id=10&Itemid=21>. Acesso em: 06 out. 2012.

HOUSEN, Abigail. Validating a measure of Aesthetic development for museums and schools. **ILVS Review**, Massachusetts, v.2, n.2, 1992. Disponível em: <<http://www.vue.org/documents/validating.html>>. Acesso em: 10 dez. 2001.

JOLY, Martine. **A imagem e a sua interpretação**. Lisboa: Edições 70, 2002.

KOSSOY, Boris. **Origens e expansão da fotografia no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

KUBRUSLY, Cláudio. **O que é fotografia**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MAYA, Eduardo Ewald. Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.4, n.5, jul./dez. 2008. p.103-129.

OTT, Robert. W. **Art in Education: an International Perspective**. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1984.

PARSONS, Michael. J. **Compreender a arte**. Lisboa: Presença, 1992.

READ, Herbert Edward. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1958.

REZENDE, Lucinea Aparecida de. **Leitura e formação de leitores: vivências teórico-práticas**. Londrina: Eduel, 2009.

SAMAIN, Etienne. Questões heurísticas em torno do uso das imagens nas ciências sociais. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam Moreira (Orgs.). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papyrus, 1998. p.51-64.

SARDELICH, Maria Emília. Leitura de imagens e cultura visual: desenredando conceitos para a prática educativa. **Educar**, Curitiba, n.27, 2006. p.203-219.

SCHROEDER, Sílvia Cordeiro Nassif. A arte como linguagem: um olhar sobre as práticas na educação infantil. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v.30, n.58, p.77-85, jun.2012.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

TOZZI, Juliana Bernardes. Ler e escolher livros para crianças e jovens: uma tarefa docente. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v.30, p.43-51, jun. 2012.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. São Paulo: Ática, 2009.